



Constituir-se professora e, pesquisadora no campo da Biblioteconomia, Ciência da Informação entrelaçada com o campo da Educação

To become a teacher and researcher in the field of Librarianship, Information Science intertwined with the field of Education

Gisela Eggert Steindel

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
E-mail: f9giza@gmail.com

RESUMO

Trata-se neste texto da narrativa do constituir-se professora e pesquisadora do livro e das bibliotecas, ancorada nos estudos formativos no campo da biblioteconomia, ciência da informação e história da educação. De abordagem teórico-metodológica na História Cultural, assume-se o tipo de pesquisa documental, tomando fontes institucionais e pessoais no estudo. Os resultados apontam um processo de constituir-se pessoa professora/pesquisadora para além da sala de aula, quer na orientação dos trabalhos acadêmicos, quer pela docência na graduação e pós-graduação *Stricto Sensu* e ações extensionistas. Conclui-se que se constituir professora e pesquisadora possibilita um reinventar-se a cada semestre, a cada ano: como pessoa, professora, pesquisadora, orientadora. Nesta direção quiçá os estudantes se (re)inventem ao longo do tempo, como pessoas, profissionais, professores/professoras, pesquisadores/pesquisadoras e orientadores/orientadoras.

Palavras-chave: Ensino Superior. Identidade. Docência em Biblioteconomia. História da Biblioteconomia (Brasil).

ABSTRACT

This is a narrative of becoming a teacher and researcher of books and libraries, anchored in formative studies in the field of library science, information science and history of education. With a theoretical-methodological approach of Cultural History, it assumes the type of documentary research using institutional and personal sources. The results indicate a path to become a teacher/researcher beyond the classroom, whether in the supervision of academic work - undergraduate and graduate studies - and extension activities. It is concluded that becoming a teacher and researcher makes it possible to reinvent oneself every semester, year: - as a person, teacher, researcher, advisor. In this direction, perhaps students will (re)invent themselves over time, as people, professionals, teachers, researchers and advisors.

Keywords: Higher Education. Identity. Teaching in Library Science. History of Librarianship (Brazil).

1 INTRODUÇÃO: UM PERCURSO METODOLÓGICO

Neste artigo, narra-se a constituição de ser professora no âmbito do livro e das bibliotecas, inserido no campo da Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação. O trabalho tem como objetivo apresentar como é possível constituir-se professor(a) ao longo do tempo, descrevendo variáveis constituintes inclusas no percurso de um(a) professor(a) que lida na dimensão ensino, pesquisa e extensão. Os objetos livro e bibliotecas, juntamente com a categoria tempo, forjam um(a) professor(a). Por fim, necessário se faz apontar como a categoria trabalho estabeleceu os modos de uma qualificação continuada. No tocante a um corte temporal do *estudo-relato*, importa aqui o tempo presente, isto é, estabelece-se diálogo com registros a partir da década de 80 do século XX até as duas primeiras décadas do século XXI. A escrita adotou princípios teórico-metodológicos da História Cultural, que, no entendimento de Roger Chartier (1990), tem por principal objetivo identificar o modo como são constituídos os diferentes lugares e momentos de uma determinada sociedade dada a ler, lançando mão da história oral no registro de dados. Valendo-se de autores como Queiroz (1991; 1988) e Simson (1988), atenta-se aqui para um mergulho profissional ancorado em fontes documentais ordinárias de ordem pessoal e institucional; isto é, aqueles registros que dão a ordem do dia: como cadernos de acompanhamento, depoimentos de estudantes, a consulta a documentos institucionais como planos de ensino, planos e projetos de trabalhos no âmbito ensino, pesquisa e extensão, fontes estas apreendidas como informação, memória(s); fonte(s) de pesquisa produzidas no constituir-se professora e pesquisadora.

Assim, como já assinalado anteriormente, uma leitura desse *corpus* documental está entrelaçada com memórias e lembranças, do eu bibliotecária – docente, materiais ancorados na categoria **tempo**, pautados nos ensinamentos de Raduan Nassar (1989), quando este afirma que o tempo é o maior tesouro que podemos dispor ainda que inconsumível, e tratar-se de um fruto exótico o qual não pode ser repartido com o Outro, mas é provido a todos na mesma medida. É na esteira do tempo que se constitui um(a) professor(a) e é nessa direção que a obra organizada por Antonio Nóvoa (2007), especialmente o capítulo de sua autoria “Os professores e as histórias da sua vida”, mais os capítulos “O ciclo de vida profissional dos professores” e “Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional”, respectivamente de Michael Huberman e Ivor f. Godson, subsidiaram uma compreensão do constituir-se

professora-pesquisadora. Para além desses autores, também a obra de Marcos Villela Pereira (1996) vem ao encontro desta narrativa, no trabalho da organização dos dados e entendimento deles. A abordagem autobiográfica defendida por Pereira (1996), aqui assumo como uma “autonarrativa”, é um caminho escolhido para expor um percurso em se constituir essa professora/pesquisadora que sou, e uma estratégia para a escrita do texto. O tempo, ensina o texto de Nassar:

[...] é o maior tesouro de que um homem [mulher] pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento: sem medida que o conheça, o tempo é contudo nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim; é um pomo exótico que não pode ser repartido, podendo entretanto prover igualmente a todo mundo; onipresente, o tempo está em tudo; existe tempo, por exemplo, nesta mesa antiga: existiu primeiro uma terra propícia, existiu depois uma árvore secular feita de anos sossegados, e existiu finalmente uma prancha nodosa e dura trabalhada pelas mãos de um artesão dia após dia; existe tempo nas cadeiras onde sentamos, nos móveis da família, nas paredes da nossa casa, na água que bebemos, na terra fecunda, na semente que germina, nos frutos que colhemos, no pão em cima da mesa, na massa fértil dos nossos corpos, na luz que nos ilumina, nas coisas que nos passam pela cabeça, no pó que dissemina, assim como em tudo que nos rodeia; rico não é o homem que coleciona e se pesa no amontoado de moedas, e nem aquele, devasso, que se estende, mãos e braços, em terras largas; rico só é o homem que aprendeu, piedoso e humilde, a conviver com o tempo, aproximando-se dele com ternura, não contrariando suas disposições, não irritando sua corrente, estando atento para seu fluxo, brindando-o antes com sabedoria para receber dele os favores e não sua ira; o equilíbrio da vida depende essencialmente deste bem supremo, e quem souber com acerto a quantidade de vagar, ou a de espera, que se deve pôr nas coisas, não corre nunca o risco, ao buscar por elas, de defrontar-se com o que não é; [...] ninguém em nossa casa há de colocar nunca o carro à frente dos bois é o mesmo que retirar a quantidade de tempo que um empreendimento exige; e ninguém ainda em nossa casa há de começar nunca as coisas pelo teto: começar as coisas pelo teto é o mesmo que eliminar o tempo que se levaria para erguer os alicerces e as paredes de uma casa; aquele que exorbita no uso do tempo, precipitando-se de modo afoito, cheio de pressa e ansiedade, não será jamais recompensado, pois só a justa medida do tempo dá a justa natureza das coisas [...], o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas: amaina nossas aflições, dilui a tensão dos preocupados, suspende a dor aos torturados, traz a luz aos que vivem nas trevas, o ânimo aos indiferentes, o conforto aos que se lamentam, a alegria aos homens tristes, o consolo aos desamparados, o relaxamento aos que se contorcem, a serenidade aos inquietos, o repouso aos sem sossego, a paz aos intranquilos, a umidade às almas seca; satisfaz os apetites moderados, sacia a sede aos sedentos, a fome aos famintos, dá a seiva aos que necessitam dela, é capaz ainda de distrair a todos com seus brinquedos; em tudo ele nos atende, mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo à soberania incontestável do tempo,

não se erguendo jamais o gesto neste culto raro; é através da paciência que nos purificamos, [...] (Nassar, 1989, p.53-56, 58-59).

Em uma tentativa de mostrar o percurso de leitura, esse artigo está estruturado nesta Introdução – sessão 1, a sessão 2 esta organizada em três subseções. Fechando com os elementos pós-textuais - referências bibliográficas.

2 PROCESSO FORMATIVO: PENSAR E FAZER PESSOAL - PROFISSIONAL

2.1 A GRADUAÇÃO E PERCURSOS PROFISSIONAIS NO TEMPO (INÍCIOS)

Há um tempo deu-se a minha constituição enquanto eu, estudante de graduação em biblioteconomia e documentação, bibliotecária e, mais tarde, professora nos campos Biblioteconomia e Educação. Minha aproximação com os livros, pode-se afirmar, vem com o tempo.

Mesmo que os títulos não fossem abundantes em nossa casa, a escola isolada municipal me apresentou a primeira coleção de livros, na forma de biblioteca de classe com seus livros e cadernos de exercícios em sala, esse era móvel cercado dos símbolos republicanos, a bandeira do estado de Santa Catarina e a bandeira nacional. A biblioteca de classe evoluiria mais tarde para versões próximas ao conceito *biblioteca*, gramática biblioteconômica na qual me tornei uma profissional (bibliotecária e professora) envolvida com o livro, a informação, o conhecimento e com a formação superior de pessoas bibliotecárias.

Então narro e, para isso, passo a redigir no formato em *itálico*:

Venho de uma família do campo, como já assinalado inicialmente. Lá nos anos 1968 cursei o primário, hoje o Ensino fundamental I em escola pública, mas o Ensino Fundamental II e Ensino Médio foram realizados em instituição privada, como bolsista. Experiência, portanto, de mundos distintos.

Na trilha do exemplo de irmã mais velha, o desejo era dar continuidade aos estudos e alcançar o Ensino superior. Ainda que o campo da Biblioteconomia não tenha sido uma primeira opção, concluí a graduação, diplomada em Biblioteconomia e Documentação em 1983, pela Universidade Federal de Santa Catarina, e isto me qualificou para atuar no mundo do trabalho da biblioteca universitária e especializada. Na chamada década perdida dos anos 80, entre os anos de 1984 até 1993, trabalhei como bibliotecária por quase dez anos em diferentes empresas e instituições. Inicialmente, em 1984, na Fundação Educacional

Jaraguense – FERJ –, que mais tarde foi transformada em Centro Universitário de Jaraguá do Sul e recentemente passou a se denominar Pontifícia Universidade Católica de Santa Catarina (PUC/SC), localizada na cidade de Jaraguá do Sul, situada a nordeste do estado de Santa Catarina cidade natal onde ainda hoje vive parte da minha família.

Ainda nessa cidade, em 1985, atuei na condição de trainee ou estagiária remunerada na empresa eletromecânica Eletromotores WEG S.A., um passaporte para realizar um curso de especialização na área de informação industrial, na época oferecido pelo Curso de Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal de Santa Catarina. Concluído o curso de especialização, em 1986, retornei à Eletromotores Weg na função de bibliotecária, mas lá permaneci por pouco tempo, cerca de meio ano, tempo suficiente para vivenciar uma experiência “categoria tempo e lugar” no âmbito de uma grande empresa. O tempo e lugar aqui, enquanto categorias, eram controladas pela empresa por um uma produção das atividades desenvolvidas na Biblioteca do Centro Tecnológico, modo de trabalhar até então em uma biblioteca não conhecida por mim. Em outras palavras constituía-se o modus operandi desse lugar e tempo.

Na sempre expectativa de novos conhecimentos, naquele mesmo ano, de 1986, ainda me candidatei a uma possível vaga para atuar em um Projeto firmado entre a OEA e o Programa de Pós-Graduação em Administração na Universidade Federal de Santa Catarina PPGA/UFSC), para implantar e atuar como bibliotecária nesse Programa de Pós-Graduação.

Selecionada, retornei ao ambiente acadêmico, o nicho da universidade, no contato com bibliotecárias e bibliotecários, especialmente com aqueles os quais foram meus supervisores de estágios na graduação, e busquei muitas vezes formas e soluções para o meu fazer na biblioteca na qual era responsável a fim de implantar e efetuar uma gestão no mais amplo sentido. Isso porque, nessa biblioteca todas as atividades estavam sob a minha responsabilidade; isto é, da compra, organização do acervo à disponibilização e atendimento ao corpo docente e estudantes do Programa. Para além do trabalho, esta convivência instalou em mim novamente uma inquietude da qual não pude me furtar – trilhar outros caminhos. Assim, enquanto trabalhava, me mantive atenta à possibilidade de estudos continuados e em conhecer Programas de Pós-Graduação no campo da Biblioteconomia ou outros, como por exemplo a Educação, que julgava dialogar com minhas expectativas em ampliar minha visão de mundo e de trabalho.

Em 1989, me preparei para a seleção no Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, mas não obtive êxito. Repeti a maratona de seleção

em 1990, na mesma universidade, ano que fui selecionada, mas para o Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação, área de concentração Informação e Sociedade.

Nas alterosas Minas Gerais, na condição de estudante, fiquei atenta em me inscrever para outros campos de atuação da Biblioteconomia. A duração/o período do mestrado reorganizou o meu modo de compreender o tempo; em outras palavras, tempo para estudar, ler, conversar (uma das formas de trabalho neste percurso de formação) com minha orientadora, dividir o não sabido e aprender a escrever um texto científico, ampliar a compreensão do trabalho com as categorias informação e conhecimento.

Podemos assumir que no século XXI, a Pós-Graduação no campo Biblioteconomia e Ciência da Informação está consolidada, mas lá na década de 90 do século passado os cursos e programas eram poucos. A titulação me possibilitou, à época, não só participar da realização de concursos à docência, mas também prestar serviços e propor projetos independentes a empresas com necessidade de organização e acesso à informação. Prestei um primeiro concurso público para professora, em fins de 1992, mas não obtive êxito. Dois anos mais tarde, na condição de professora colaboradora, em 1994 prestei concurso público para o Departamento de Biblioteconomia e Documentação na Universidade do Estado de Santa Catarina (DBD/FAED/UDESC, após 2000 denominado Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação - DBI/FAED/UDESC). Nessa empreitada alcancei sucesso e nesta esteira fui construindo uma transposição do espaço de trabalho – biblioteca –, para a sala de aula, de bibliotecária à professora, mas diga-se, não sem conflitos que isto demanda. A condição de professora concursada me permitiu trilhar um percurso de pesquisa institucional, orientar estágios curriculares e desenvolver projetos de extensão. Passados dez anos, o inquietar-se estava novamente presente dia a dia no meu ser e fazer professoral. Neste contexto de inquietude, colegas professores(as) do Centro onde atuo foram essenciais para alcançar êxito no intrincado processo de seleção para o doutorado em São Paulo. Realizei meus estudos no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação. Os estudos entrelaçados nesses campos me ampliaram e possibilitaram perceber o tardio e urgente diálogo entre os campos Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação.

Antes de iniciar a próxima subseção, faço a defesa da ideia de que no campo da leitura, o leitor(a) desenvolve sua formação leitora ao longo da vida. Neste raciocínio, entendo o constituir-se professora como um processo contínuo. Assim passo a registrar o ser professora na dimensão de pesquisadora, orientadora e outros fazeres.

2.2 CONSTITUIR-SE PESQUISADORA, ORIENTADORA E OUTROS FAZERES UNIVERSITÁRIOS

Nessa subseção novamente lanço mão do recurso em *itálico* para me referir aos caminhos por mim trilhados como professora, pesquisadora e atividades de extensão universitária.

Minha trajetória como orientadora iniciou-se logo nos primeiros tempos de professora efetiva no departamento. Minha estreia, se assim posso chamar, foi na ação de orientar trabalhos de iniciação científica (IC). Tudo era a primeira vez: a condição de ser professora efetiva; a possibilidade de orientar trabalhos dessa natureza; e uma outra e desconhecida atividade, a extensão como parte do quadro das atividades do professor(a) universitário(a).

Como apontei anteriormente, efetivei-me na condição de professora em 1994. Naquele ano, orientei os dois primeiros trabalhos de iniciação científica (IC): o primeiro tinha como objeto de estudo a história da biblioteca universitária da nossa universidade; o outro descrevia a proposição de uma metodologia para a criação de um arquivo para recuperação da informação em artes no Centro de Artes da Udesc. Na dúvida e no estranhamento, fui construindo a orientação pautada na prática e na fala observada junto aos professores do Curso de Pós-Graduação em Administração, onde atuei como bibliotecária, e dos meus professores-orientadores; isto é, do Curso de Especialização, realizado em 1986, além da experiência de escrita orientada, no mestrado em 1990. Deles, e do caminho percorrido até então, aprendi que o processo de escrita está nos estudantes e não essencialmente no professor/professora-orientador(a), e sob esta perspectiva ainda hoje trabalho – acredito na criação e na capacidade dos estudantes.

Passada esta primeira experiência, escrevi um projeto com o objetivo de analisar o perfil do bibliotecário na percepção do público escolar (estudante do ensino fundamental). Este projeto foi desenvolvido com duas bolsistas (IC). Foi um desafio lidar com os ritmos distintos de trabalho; apresentar a pesquisa à instituição escolar escolhida para coleta de dados; trazer leituras; discutir as descobertas dessas iniciantes em pesquisa. Aprendi que o estudante tem coragem quando o(a) professor(a) sustenta o pensar e o fazer do processo de pesquisa, isto é, este acredita no conhecimento do professor(a).

Em 1997, em parceria com outra professora do Departamento, desenvolvi uma pesquisa de cunho quantitativo intitulado “Uma identificação e caracterização da produção científica do corpo docente da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC – e acesso a ela pela Rede Internet”. Este trabalho me preparou, de certo modo, para a realização de

outra pesquisa, essa quanti-qualitativa, acerca das bibliotecas públicas do estado de Santa Catarina. O estudo objetivou analisar as condições estruturais, o acervo e o quadro de pessoal das bibliotecas públicas municipais dessa unidade federativa. A operacionalização da pesquisa contou para a coleta de dados com professores do meu Departamento (DBI) e o apoio da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). O mergulho da estudante bolsista nas atividades de contatos para coleta de dados tornou a pesquisa prazerosa, ainda que trabalhosa, complexa e com dados poucos promissores referente ao cenário das bibliotecas públicas municipais catarinenses então.

*Com alguma experiência e leituras no campo da Educação, propus-me, em 2000, a investigar práticas bibliotecárias dos primeiros bibliotecários diplomados que atuavam em Santa Catarina. Utilizei a história oral para levantar dados da vida profissional desses primeiros bibliotecários. Realizei a pesquisa com auxílio de uma bolsista com bastante afinidade em escutar o outro. A coleta de depoimentos, transcrição, organização e compreensão demandaram muita sensibilidade, fidelidade nas transcrições e objetividade nas transcrições (Termo tomado de Roland Barthes com referência à textualização de histórias de vida). A elaboração do texto da história de vida recolhida pelo pesquisador(a), de acordo com Gattaz (1996), deve distinguir duas fases importantes: a transcrição literal e a textualização do material recolhido. A textualização em si, para esse autor, compreende dois processos: a incorporação das perguntas ao depoente, de forma a tornar a transcrição literal compreensível. Num segundo momento, realiza-se o refinamento, isto é, processa-se a incorporação de dois conceitos da linguística, compreendidos de modo sempre complementar: **o de transcrição** (adotado de Haroldo Campos) e **o de teatro de linguagem** (adotado de Roland Barthes). Um trabalho no qual foi necessário aprender a buscar uma aproximação pessoal-profissional com a bolsista para lograr êxito na investigação proposta.*

A orientação de trabalhos no âmbito de iniciação científica sempre me permitiu mostrar autores e textos diferentes daqueles discutidos no campo em sala de aula, mais comumente textos voltados à organização da informação e à gestão das unidades de informação. Nesta perspectiva, também os acadêmicos do Curso têm oportunidade de conhecer o seu professor para além da sala de aula e o Curso em si mais que na sala de aula. A manifestação de um dos bolsistas expressa essa condição:

Aprendi a explorar os caminhos da leitura em uma literatura até então desconhecida para mim, a literatura da história cultural. Aprendi o

quanto é interessante e gratificante fazer pesquisa e acompanhar os resultados. Aprendi a fazer pesquisa, seus instrumentos e ir a campo e coletar as informações. Aprendi a escrever textos científicos [...] me apaixonei pelo nosso objeto de pesquisa: A Sociedade Literária São Bento e a sua história. (Bolsista de Iniciação Científica/PROBIC/UDESC).

Se por um lado me encontro na condição de ensinar, por outro, de fato, aprendi e aprendo a cada encontro de orientação, na relação professora-estudantes. O contato com estes nessa experiência me amplia o entendimento sobre o ser um(a) estudante e compreender a individualidade de cada um no coletivo da sala de aula, na pesquisa ou na extensão universitária.

Outros encontros de formação se estabeleceram ao longo do tempo. O contato com estudantes fora da sala de aula (orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso - TCC) começou a acontecer no Curso de Biblioteconomia – Habilitação Gestão da Informação, a partir da reformulação curricular efetuada em 2001. Vivenciar a escrita e, por que não dizer, o ensino da escrita científica com estudantes de graduação é um exercício de muitos papéis. Para os estudantes de mestrado/doutorado, a dissertação/tese é condição sine qua non para obter a titulação e, para tanto, há uma “enorme mobilização emocional empreendida e que necessariamente afeta as esferas extra-acadêmicas”, nesse estágio da vida, como aponta Miriam Warde (1996, p.165), o que dizer dos estudantes de graduação ao se depararem pela primeira vez com as questões: o quê e como escrever seu tema de trabalho de conclusão de curso?

A orientação – formação, de trabalhos de conclusão de curso – é, no meu entender, um processo múltiplo, digo, um exercício bastante complexo e intrincado. Mas esse processo permite a invenção, é criar-se, isto é, inventar-se a si, conforme sentido dado por Roger Chartier, com base em Certeau (2000). Isto, de certo modo, evidencia-se na fala de uma das orientandas de TCC: “aprendi a organizar e utilizar meu tempo, o tempo da instituição e os recursos disponíveis para a realização das tarefas. Sobretudo, aprendi a gostar do trabalho acadêmico, a me dedicar à pesquisa, ao estudo e à leitura crítica.”

Na condição de professora-orientadora e neste contexto de formação, saber aguçar nesse estudante sua capacidade de ler, pensar e escrever constitui para um exercício de paciência e persistência. No trabalho de orientação do seu TCC um dos estudantes assim se manifestou:

[...] pude aprimorar minha escrita científica, prestando mais atenção em palavras redundantes, na colocação dos verbos e tempos verbais e na forma de expressar os resultados da pesquisa de uma

maneira mais formal. Além disso, pude aprender mais sobre as técnicas de pesquisa e buscar fontes confiáveis para o desenvolvimento da pesquisa [...].

Frente aos quadros de angústia e incerteza desses estudantes sob minha responsabilidade, (re)faço minha manifestação de agradecimentos para com meus professores(as)-orientador(as), que foram generosos em relação aos meus limites, sem, porém, deixar de se colocarem como orientadores-leitores rigorosos e argutos.

Outros afazeres também concorrem para a pesquisa, e cito a extensão universitária. A prática extensionista na condição de professora se constitui em um importante saber sobre ser e se (re)inventar professor(a) e pesquisador(a).

*Iniciei minhas atividades de extensão junto com uma professora do Departamento na divulgação do Curso de Biblioteconomia, organizando falas sobre a profissão bibliotecária, desenvolvendo oficinas de orientação de trabalhos escolares em estabelecimentos de ensino público e privado. Dentre outros projetos que participei, destaco o Programa de Extensão Museu da Escola Catarinense, proposto e coordenado pela professora Vera Lucia Gaspar da Silva, do Departamento de Ciências Humanas. Em outras palavras, o programa funcionou com dois projetos a saber: 1) Projeto **OBJETOS DA ESCOLA:** Registro e inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense, coordenado pela Professora Vera Gaspar. Essa ação teve como objetivo realizar o registro e o inventário dos móveis e objetos do acervo do Museu da Escola Catarinense. 2) Projeto **Entre Papéis:** Preservação física de acervo bibliográfico e documental do Museu da Escola Catarinense. Essa ação intentou a preservação da cultura escolar através da conservação e preservação de documentos e livros que integram o acervo **desse museu**. Neste projeto, foram oferecidas oficinas ministradas por especialistas, que abordam aspectos teóricos sobre a conservação e a preservação, técnicas de higienização, pequenos reparos e formas de acondicionamento de material impresso. Na esteira da experiência advinda com o trabalho no Museu da Escola Catarinense, veio o **Programa Biblioteca Pública:** um modelo de gestão, coordenado pela Professora doutora Delsi Fries Davok, do Programa de Extensão do Departamento ao qual pertenço. O Programa se constituiu de cinco ações de extensão. Finalizado esse Projeto, em 2011 passei a integrar como professora participante do **Programa de Extensão Borboletas da Leitura:** a literatura infantil e juvenil na comunidade, na escola e na biblioteca pública. Esse Programa foi coordenado pela professora Maria Emilia Ganzarolli e articulava três diferentes ações, a saber: Projeto: Borboleta da leitura na comunidade; Projeto: Borboleta da leitura na sala de*

aula; e o Curso: Literatura infantil e juvenil na escola. Ainda destaco duas outras atividades de extensão.

*O evento **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**, que reuniu profissionais e estudantes de Biblioteconomia a fim de proporcionar a retomada e uma reflexão sobre as contribuições teóricas e práticas de Ranganathan, bibliotecário indiano do início do século XX, foi coordenado pela professora Elisa Cristina Delfini Corrêa. O **Programa de Extensão Entrelaçamentos entre Educação, Cultura e Sociedade através de Múltiplas Linguagens Envolvendo Comunidade e Universidade**, coordenado pela professora Tânia Regina da Rocha Unglaub (Gisela Eggert Steindel <http://lattes.cnpq.br/4713882118791156>).*

A extensão universitária, no meu entender, é um espaço de ensino e pesquisa não só teórico, mas técnico-operacional e destaco – principalmente dessa atividade de docência universitária –, a arte de relacionar-se com as pessoas que implementam as ações extensionistas e a comunidade alvo desse tipo de trabalho universitário. Sempre uma experiência de formação. Concluindo esta subseção passo a redigir o texto não mais em itálico, quando passo a fazer uma reflexão das atividades de administração universitária que exerci entre 1995 e 2017.

O professor(a) universitário(a), ao prestar concurso público, em momento algum é arguido(a) sobre a possibilidade em assumir os trabalhos na dimensão da administração/gestão universitária.

Assumi, a coordenação do curso de Biblioteconomia no ano de 1995. Em um cenário em que, quase sempre, os professores veteranos já não se sentem mais animados para tal função; cenário no qual, mesmo inexperiente, se é instado à condição de coordenador(a) de curso, chefia de departamento, etc. Findo este trabalho, não sem tensão, assumi a chefia de Departamento em 1998 e mais de dez anos depois, em 2009, novamente, mas por questões de saúde, solicitei que a subchefia concluísse nosso mandato.

O tempo ensina, cura e amplia nossos horizontes e nos faz acreditar que podemos contribuir na administração em outras instâncias da universidade e mesmo fora dela.

Em 2011, presidi a comissão para propor a criação do mestrado profissional em Gestão da Informação, aprovamos o curso em 2012. Proposta aprovada, foi eleita a coordenação sob a batuta da professora doutora Delsi Fries Davok e Gisela Eggert Steindel (gestão 2012/2015). Neste mundo do trabalho docente, no período 2014–2018, assumi a coordenação da Área Comunicação e Informação – mestrados profissionais. Para isso

assumi a máxima de Paulo Freire nesse novo desafio: o caminho se faz andando e nele aprendendo. Muito ainda tenho a pensar deste fazer na administração/gestão universitária para a qual não se é preparado (a). Agora, sem delongas me permito avançar para uma última subseção.

2.3 LEITURAS, PROFESSORA, PESQUISADORA

Pereira (1996), ao refletir sobre a formação do professor(a), nos dá algumas pistas para se entender o ser professor(a), e essas pistas estendo a outras profissões. Esse autor, em seus estudos, tem como alvo a pessoalidade e a professoralidade. Isto é, ele toma em conta a ideia de que a pessoalidade e a professoralidade andam juntas, dito de outra forma: ser professor é uma alternativa, uma saída que o sujeito constrói a fim de realizar um projeto emergente em sua subjetividade. A formação acadêmica é a estratégia viabilizadora de sua subjetividade; ou entenda-se que a professoralidade está a pessoalidade e vice-versa – *o ser professor(a) está na sua pessoa e sua pessoa está no ser professor(a)*.

Estas categorias, acredito, são forjadas também a partir leitura. Há um ditado na cultura alemã com a seguinte assertiva: somos aquilo que comemos. Diante disso, arrisco dizer que “somos aquilo que lemos”. O ler também nos faz pesquisador. Como afirmei ao iniciar esse texto, minha aproximação com os livros veio com o tempo.

Há uma leitura de estudo inerente a qualquer profissional, porém, não é necessariamente dela que desejo falar, mas sim destacar a leitura ficcional como elemento de constituir-se professora/pesquisadora e pessoa. Nessa esteira, faço aqui uma reflexão a partir do texto de Marly Amarilha (1997) *Estão mortas as fadas? Literatura infantil e prática pedagógica*, texto de estudo para a disciplina de Literatura Infantil, como forma de explicitar a literatura de ficção como elemento de formação e inventar-se a si como pessoa/professora/pesquisadora.

O texto literário, destinado ao público infantil e juvenil, de acordo com essa autora, em primeiro lugar produz o envolvimento emocional, que vem a partir da imaginação dos personagens, e uma relação de identificação entre leitor e texto; quem dela usufrui começa a fazer de conta, participa da narrativa, faz parte da história, isto é, faz-se o momento catártico.

Em um segundo momento, observa Marly Amarilha, essa literatura tem uma função organizadora de sentido dos fatos, uma vez que responde às expectativas do receptor e, então, este percebe nas palavras de Amarilha (1997, p.19) “uma sequência de fatos

conexos, como se as causas sempre resultassem em consequências, e os enredos do destino humano, ali representados”. O receptor envolve-se na trama de aventura, emoção, prazer, frustração, ampliando suas experiências de mundo.

Em terceiro e último lugar, na estrutura desse texto ficcional, o receptor começa a antecipar os fatos e imaginar o fim, o que significa representar na mente a importância da existência da vida de determinado personagem e da sua própria vida.

Nesta direção, é essencial destacar que a literatura ficcional se constitui em um aprendizado do lugar da catarse no indivíduo. Mobiliza questões pessoais e coletivas daí porque tem seu lugar na sala de aula e para muito além dela.

*Na condição de professora e pesquisadora cultivo essa prática e instigo-a como saudável provocação aos estudantes. Então digo, convide seus estudantes a lerem Odisseia, Grande Sertão: veredas, Capitães de Areia, O Futuro é Ancestral, A Rainha Guinga, O vendedor de passados, Teoria Geral do esquecimento. A lista de títulos é imensa e qualificada, existentes possivelmente na biblioteca pública, na escolar, especializada e na universitária, ou mesmo na sua biblioteca pessoal. Assevero a vocês que nunca mais serão os/as mesmos/as pessoas/estudantes – professores(as)/pesquisadores(as). A leitura ficcional é importante e essencial categoria **na e com a** formação de nós professores(as)/pesquisador(as)/pessoa, estudantes, etc. Uma vida é pouco para viver muitas vidas. A leitura é uma possibilidade de viver muitas vidas. Experimente! Ler, ler muito no diapasão da diversidade de títulos, obras e campos do conhecimento humano.*

Isto posto, concluo minhas considerações, na seção três com agradecimentos necessários. Por fim listo, os elementos pós-textuais -, interlocutores: as referências bibliográficas – impressas e/ou digitais.

3 CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Um texto finaliza quando quem o escreve precisa por circunstância colocar um ponto final. Aqui opto, nesse momento, colocar meu ponto final, me retiro. A condição de leitor(a) assume agora a categoria de coautor(a) abre alas! Inventem-se a si, (re) lendo meus apontamentos e o excerto de Raduan Nassar:

[...] o tempo é largo, o tempo é grande, o tempo é generoso, o tempo é farto, é sempre abundante em suas entregas: amaina nossas aflições, dilui a tensão dos preocupados, suspende a dor aos torturados, traz a luz aos que vivem nas trevas, o ânimo aos indiferentes, o conforto aos que se lamentam, a alegria aos homens tristes, o consolo aos desamparados, o

relaxamento aos que se contorcem, a serenidade aos inquietos, o repouso aos sem sossego, a paz aos intranquilos, a umidade às almas secas; satisfaz os apetites moderados, sacia a sede aos sedentos, a fome aos famintos, dá a seiva aos que necessitam dela, é capaz ainda de distrair a todos com seus brinquedos; em tudo ele nos atende, mas as dores da nossa vontade só chegarão ao santo alívio seguindo à soberania incontestável do tempo, não se erguendo jamais o gesto neste culto raro; é através da paciência que nos purificamos, [...]. (Nassar, 1989, p. 58 – 59 passim.).

A orientação de trabalhos acadêmicos, quer seja no âmbito do ensino, da pesquisa ou da extensão, não termina com a finalização e entrega dos respectivos relatórios. O encontro professor(a)-estudantes se estende no tempo. Faço minhas as palavras de Raduan Nassar, esse “encontro-orientação” é largo, é grande, é generoso, é farto, é sempre abundante em suas entregas”. As experiências e práticas de orientação vividas por mim outrora, como aluna, aluna mestranda ou doutoranda, reinventei-as na condição de pessoa, professora, professora-orientadora, pesquisadora; quiçá esses estudantes se **(re)inventem** na sua condição, quer como pessoas, bibliotecários, pedagogos, historiadores e/ou professores-orientadores.

Por último, mas não menos importante, é necessário repetir que a leitura é condição para a invenção de si, como estudante, professor(a), pesquisador(a) e pessoa, a leitura é *ensinante*, generosa, larga. É confortadora -; em muitos dos momentos no meu pensar e fazer como professora, professora-pesquisadora, extensionista e nos fazeres institucionais.

AGRADECIMENTOS: Registro aqui meu reconhecimento aos meus professores (as), **orientadoras** e agradeço aos meus estudantes, aprendentes e ensinantes, na busca de se constituírem autores(as) de **Si**.

REFERÊNCIAS

- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, Natal: EDUFRRN, 1997.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CHARTIER, Roger. **História cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
- EGGERT-STEINDEL, Gisela. **Cadernos de acompanhamento estudantes TCC:** 2005, 2006 e 2007, [Manuscritos].

GATTAZ, André Castanheira. **Braços da resistência: uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo: Xamã, 1996.

GOODSON, Ivor Frederck. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio (Org.) (2007). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: Nóvoa, A. (2007) (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

NASSAR, Raduan. **Lavoura arcaica**. 3. ed. rev. pelo autor. 12. ed. impressão. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, Antonio. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antonio. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Portugal: Porto Editora, 2007.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade**: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil, 1996.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação**. São Paulo: T. Queiroz, 1991.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice. Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice. Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

WARDE, Mirian Jorge. Diário de uma orientadora de teses. In: BIANCHETTI, Lucidio (Org.). **Trama & texto**: leitura crítica escrita criativa. Passo Fundo (RS): Plexus; EDIUPF, 1996.